



Evandro e Geise mostram que amor e negócios podem se misturar

de vida real. “Tem muita coisa para ser contada. Os personagens têm muito drama pessoal, e a realidade nos surpreende todo dia com as histórias do tráfico e desse tipo de realidade no Rio de Janeiro”, comenta o também brasileiro René. “A gente está na quinta temporada e parece que está decolando ainda para contar a história”, complementa.

O maior valor que encontram neste trabalho é poder ter nuances distintas do cinema, mas com uma estrutura claramente cinematográfica. “Em geral, o longa-metragem é muito sobre a transformação de um personagem, como ele começa de um jeito e acaba de outro. As séries, não. O Evandro é o mesmo cara desde o início. Os personagens não se transformam, se complexificam. A gente vai vendo eles mais profundamente”, avalia René.

Essa complexidade se soma a uma forma menos convencional de escrever a série. “Em uma série normal, 40 minutos, você vai ter 30 cenas. Em *Impuros*, fazemos 60”, explica Tati. Além do ritmo, a escolha de deixar alguns fatos em uma área cinza do não dito traz ao seriado uma característica de produção “cabeça”. “Tem uma coisa que eu me orgulho muito do *Impuros*, que a gente não subestima o espectador. A gente não entrega a história inteira. Colocamos uma coisa que, a princípio, não se entende muito bem e o espectador descobre do que a gente está falando antes de explicarmos”, acredita Tomás.

As mudanças nunca intimidaram os showrunners da produção. René Sampaio, Tati Fragoso e Tomás Portella assinam juntos mais uma temporada e comemoram o sucesso, mais do que se preocupam com a história perder fôlego. “Depois de tantos anos e com o processo que a gente continua fazendo, é um orgulho para a gente saber que conseguimos trabalhar, criar uma história tão longa e que ainda tem muita coisa para contar pela frente”, afirma a brasileira Tati.

O material que os autores têm é vasto porque mescla as ideias já desenvolvidas com pitadas

Por esse motivo, a resposta do público sempre foi muito maior do que a de outras séries. Diferentemente das produções da Globo, narrativas brasileiras de outros canais e plataformas têm mais dificuldade de se popularizar em um público mais amplo. *Impuros* se consolidou. “É um público muito apaixonado pela série. Os atores são parados na rua por causa de *Impuros*, algo que só acontece no Brasil com a telenovela brasileira”, conta René.

Moral e ética

Em qualquer aula inaugural de estudos sociológicos, é necessária a explicação de qual a diferença ética e moral. Porém, em uma temporada de *Impuros*, é possível entender a distinção facilmente. A moral é o conjunto de convenções sociais que fazem parte daquela cultura, enquanto a ética é o caráter daqueles indivíduos. Em *Impuros*, a moral dos personagens é questionável, mas a ética é ilibada.

Contudo, essa realidade deve mudar na atual temporada. “Pensando que a ética é como você segue a sua moral, eles seguem fielmente a moral deles. É uma moral distorcida, mas que eles seguem de forma rigorosa. São quase cavaleiros da *Távola Redonda*, sentem a honra de seguir essa moral”, explica Tomás. “Acho que nessa temporada isso é testado pela primeira vez sobre vários aspectos. Essa é uma característica bem marcante deste ano de seriado”, acrescenta.

Mesmo tendo diferenças inéditas em relação a outras temporadas, a base continua a mesma: a família no centro. “Eu acho que é basicamente ficar pensando nas cagadas de família que acontecem na de todo mundo. É um negócio complicado”, destaca Tomás, que acredita que é necessário entender o cotidiano deles e tratar todo personagem pelo lado humano. “Sei que tem uma moral totalmente distorcida, mas é o trabalho dos caras. Então, os problemas de família deles são iguais aos nossos, só que dentro de um universo diferente. Então, acho que a gente foca muito na família”, completa.